

III

**Denise Costa de Almeida**

**“A Esfinge, com seus enigmas, obrigou-nos a deixar de lado os fatos incertos para só pensar no que tínhamos diante de nós.”**

Num enigma ela queria se livrar  
do tributo que pagava  
mas um estranho temor,  
terror ou desejo  
nos mantinha reunidos

Ela tinha nas mãos  
o ramo dos suplicantes  
me recusava saber as misérias sem conta  
que me fariam, na desdita,  
igual a ela

Eu tentava me livrar  
do tributo que pagava  
seu corpo de leoa  
todas as noites  
me estrangulava devagar

O espírito inquieto  
não encontrava remédio  
que o salvasse

(ela tinha nas mãos  
o ramo dos suplicantes)

Ninguém mais que eu  
sofria a solidão do seu corpo  
estava perdida, em sono profundo,  
desatada

Num carinho infinito e infindável  
me acariciava as pernas  
não trazia nos olhos  
nenhuma piedade

(Quando o prazer se anuncia no corpo  
como um oráculo sagrado  
e as vísceras tremem nos algures  
se a alma não sofre  
prazeres sem conta  
o flagelo do corpo  
nos leva para a total ruína)

Ela queria que eu fosse  
para sempre maldito  
nunca me contava  
o que eu não sabia  
achava o que eu sabia  
bastante para me torturar

Eu tinha no rosto  
um riso trancado a sete chaves  
dois ódios que queriam  
se amadurecer em vingança

Ela ria, dissimulada,  
e guardava na boca, confinado,  
o claro enigma:  
"O que tem que acontecer, acontecerá,  
embora eu guarde silêncio"

Mas eu tinha no rosto o riso de quem tudo vai descobrir.



**Ilustração: Ana América Antunes Rezende**